

ESTRUTURAS COORDENADAS EM LIBRAS: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS

Ronice Müller de Quadros (UFSC)
Jair Barbosa da Silva (UFAL)
Rodrigo Nogueira Machado (UFC)

Introdução

O fenômeno da parataxe envolve a coordenação de unidades sintáticas autônomas que são semanticamente interdependentes. Esse tipo de construção envolve um processo complexo na Libras, com características inerentes à natureza linguística das línguas de sinais; em outras palavras, aspectos resultantes da modalidade visual-gestual configuram os processos de coordenação em Libras. Nosso objetivo é explorar como as orações paratáticas são estruturadas em Libras, ou seja, como as unidades sintáticas são coordenadas usando os recursos visuoespaciais disponíveis.

Esta pesquisa faz parte do Inventário Nacional de Libras, o qual pertence ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), cujo objetivo principal é identificar, documentar, reconhecer e valorizar as linguagens utilizadas pelos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira (BRASIL, 2010). Em 2002, a Lei 10.436 reconheceu legalmente a Libras como a língua nacional brasileira utilizada pelas comunidades surdas no Brasil, em todo o território brasileiro. Esses aspectos políticos tiveram(têm) reflexo nas pesquisas sobre a Libras no Ensino Superior, o que

Todas as línguas têm seus próprios mecanismos para organizar suas estruturas linguísticas desde o nível fonológico até o nível sintático. De igual forma, as línguas de sinais também ordenam seus elementos formativos (fonemas, morfemas, constituintes sintáticos) de acordo com regras que lhes são inerentes. No que diz respeito à sintaxe da língua de sinais, considerando que a modalidade dessas línguas interfere significativamente na forma como as estruturas linguísticas se organizam no discurso, a integração entre movimentos corporais, marcas não manuais (MNM) e espaço neutro possibilita a expressão da informação em termos sintáticos de diversas formas. Ainda assim, são encontradas regularidades estruturais. Junto com a sintaxe, a semântica também contribui para as possibilidades de combinações, por meio do estabelecimento de relações significativas entre as orações. Este estudo tem meta analisar

os processos de coordenação de frases em Libras que se apresentam por meio de mecanismos gramaticais manuais e MNM.

Há duas razões para a escolha desse fenômeno linguístico: a) a escassez de descrições linguísticas sobre esse assunto em Libras; e b) a importância desse tipo de análise para os cursos de formação em Letras-Libras, programas de pós graduação, em que os alunos se concentram nos estudos sintáticos da língua.

1. Articulação sintática entre orações

Existem diferentes maneiras possíveis de conectar uma cláusula primária com uma cláusula secundária. Deve-se atentar para a proposição que se estabelece entre as orações durante o enunciado.

Tradicionalmente, a articulação entre orações é polarizada em dois grandes blocos, a saber, coordenação e subordinação. Na coordenação, as cláusulas são justapostas com ou sem um conector. Na subordinação, as orações são constituintes de outras orações. No entanto, além da polarização coordenação/subordinação, existem outros casos em que há dependência semântica entre as orações. Nesses casos, parece mais apropriado usar a descrição de Hopper e Traugott (1993) de articulação entre orações. Eles vão além da classificação gramatical tradicional, analisando a maneira como as línguas organizam suas estruturas complexas em termos gradientes em vez de binários. A gradação pode explicar as nuances que às vezes surgem entre os polos coordenação ou subordinação, que não podem ser explicadas/compreendidas considerando apenas a distribuição das sentenças em um enunciado, mas também levando em conta fatores semânticos. Essas considerações levaram Hopper e Traugott (1993) a utilizar os seguintes parâmetros:

a) parataxe: há uma relação de igualdade de status e, portanto, de relativa independência entre as orações, que não são encaixadas. O conector depende apenas da relação de sentido entre as sentenças e da relevância;

b) hipotaxe: há interdependência entre cláusulas centrais e marginais, mas não encaixamento. A oração dependente funciona como um complemento da oração principal.

c) encaixamento: há dependência completa entre as cláusulas centrais e marginais. A cláusula de margem está incorporada na cláusula principal.

O importante trabalho de Haspelmath (2004) sobre coordenação apresenta a seguinte classificação semântica de coordenação: a) coordenação conjuntiva, muitas vezes representada por 'e'; b) coordenação disjuntiva, muitas vezes marcada por “ou”; e c) coordenação adversativa, muitas vezes marcada por 'mas'. Embora relevantes para a descrição dos processos de conexão das orações nas línguas orais, essas descrições nem sempre se enquadram nos processos que ocorrem nas línguas de sinais. Isso porque a articulação das orações nas línguas de sinais quase sempre ocorre sem a presença de conjunções manuais como "e", "ou" e "mas"; em vez disso, ocorre sutilmente por meio de MNM. Isso é visto quando se analisam as estruturas de coordenação a partir de dados reais de uso dessas línguas retirados de *corpora* linguísticos.

Segundo Tang e Lau (2012), os linguistas que descrevem as línguas de sinais ainda são desafiados a identificar critérios objetivos e uma metodologia padronizada para estabelecer os limites das frases. Existem poucos relatos do uso de conjunções em línguas de sinais (ver, por exemplo, Tang e Lau, 2012; Davidson, 2013; Zorzi, 2018). A justaposição de orações parece ser uma estratégia recorrente, ao invés da presença de conjunções manuais explícitas. Há também estratégias específicas para a modalidade de língua de sinais, como o uso alternado de articuladores manuais (para cada evento subsequente, ou cada evento é articulado por uma mão e, simultaneamente, usando uma boia pela outra, por exemplo), uso produtivo de espaço, deslocamento do corpo e aceno de cabeça.

As dificuldades apontadas por Tang e Lau (2012) em relação aos desafios de descrever as línguas de sinais também são relatadas por Davidson (2013). Segundo Davidson, o mais extenso estudo tipológico sobre coordenação, desenvolvido em 2004 por Haspelmath, inclui várias línguas do mundo, mas não há dados sobre línguas de sinais. Em sua pesquisa sobre estruturas em ASL, Davidson (2013) encontra/propõe duas estratégias principais para coordenar elementos em ASL, as quais podem ser estendidas a outras línguas de sinais, a saber: COORD-SHIFT e COORD-L. Nenhum delas envolve o uso de coordenadores manuais explícitos, mas combinações de MNM. Na estratégia COORD-SHIFT, mudanças sutis são feitas no espaço de sinalização, as quais demarcam elementos de um lado do espaço de sinalização, com elementos contrastantes do outro, através do movimento do tronco, cabeça e

direção do olhar. A estratégia COORD-L (ou COORD-LIST) envolve pontos indexicais, ou seja, apontar para cada dedo subsequente na mão não dominante quando as frases são apresentadas em sequência. Este tipo de estrutura também é referido como uma 'boia de lista' (Zorzi 2018).

Para Tang e Lau (2012: 341), "...a questão crucial a ser considerada é o que marca os limites das orações nas línguas de sinais, ou precisamente quais são as pistas linguísticas ou prosódicas para a coordenação e subordinação em línguas de sinais". Em outras palavras, diferentemente das línguas faladas, em que os dispositivos morfossintáticos fornecem pistas para a delimitação das sentenças, a maioria das línguas de sinais não possui um sinal explícito que marque os limites de sentenças complexas.

Em estudo recente envolvendo a Libras, Rocha (2021) analisou três narrativas surdas de líderes surdos renomados na comunidade surda, do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. A delimitação das frases foi realizada por meio da identificação de pausas marcadas por piscar de olhos e sinais de finalização, como TERMINAR e DEPOIS. Rocha identificou as seguintes MNS que indicam algum tipo de dependência sintática nas unidades de frases produzidas em Libras: movimento do tronco para frente ou para trás; elevação do tronco; mudança de papel, torções do torso; movimento da cabeça; direção do olhar; elevação ou contração da sobrancelha; contração dos olhos; movimento da boca ou dos lábios; e elevação do queixo. Além desses marcadores, Rocha aponta a incorporação de referentes no corpo do sinalizante como uma estratégia para indicar orações que podem ser encaixadas.

Os achados de Rocha (2021) em Libras são compatíveis com os encontrados para outras línguas de sinais, como Hong Kong Sign Language de Tang e Lau (2012) que analisam especificamente sentenças coordenadas, bem como outros estudos considerando limites de cláusulas em geral – Chechetto et al (2009) para Língua de Sinais Italiana; Hermann (2010) para Língua de Sinais Alemã (DGS); Sandler (1999) e Meir e Sandler (2004) para Língua de Sinais Israelense; Wilbur (1994) para American Sign Language (ASL), bem como a análise interlinguística de Sandler (2011). Esses estudos observaram que MNM, como piscadas, marcam pistas prosódicas para limites de orações. Sandler (1999) observou mudanças de expressões faciais entre diferentes partes da frase, assim como mudanças na posição da cabeça, olhar e piscar. Uma análise importante de Sandler (2011) é que as estruturas

prosódicas e sintáticas nas línguas de sinais são composicionais (cada MNM contribui de forma independente para a estrutura sintática e semântica).

2. Método

Esta pesquisa utilizou dados do Corpus de Libras, do projeto Inventário Nacional de Libras, mais especificamente do subprojeto denominado Corpus de Referência para Surdos (Leite e Quadros, 2014; Quadros, 2016; Quadros et al. 2018), inspirado na metodologia proposta pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística - INDL (IPHAN, 2016a, 2016b).

No Inventário Nacional de Libras: Projeto de referência para surdos (líderes surdos reconhecidos na comunidade surda), implementado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina) em parceria com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL, Instituto de Políticas Linguísticas), foram indicados 35 surdos sinalizantes, representando 16 estados do país. Eles foram convidados a participar do projeto com o objetivo de se tornarem multiplicadores da composição do Inventário Nacional de Libras em seus respectivos estados. Foi realizado na UFSC um evento em que as referências das comunidades surdas brasileiras, os quais se reuniram para trocar experiências, participar de treinamentos e participar da coleta de dados (disponível em <https://corpuslibras.ufsc.br/>). A coleta de dados inclui entrevistas, nas quais os participantes foram solicitados a relatar sua experiência de vida e suas experiências relacionadas à Libras e ao Português. Além disso, eles foram solicitados a narrar histórias e falar sobre temas de sua própria escolha. A produção de vocabulário também foi coletada com base na Lista Swadesh (Swadesh, 1971). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil (Processo nº 17028413.0.0000.0121).

2.1 Anotação de Dados

ELAN (Eudico Annotator <https://www.mpi.nl/corpus/html/elan/>) foi usado para anotação de dados. Dada a complexidade da transcrição de Libras, partimos das três trilhas do ELAN já transcritas no âmbito do Inventário Nacional de Libras: a) glosa de sinais de mão direita, b) glosa de sinais de mão esquerda; ambas de forma integrada com o Libras SignBank; c) tradução de enunciados para o português.

As anotações específicas para analisar estruturas complexas incluem as seguintes camadas:

- I. Unidade de oração complexa (UOC) - combinação de frases para compor parataxe, hipotaxe e orações encaixadas;
- II. Tipo de parataxe - descrição do tipo de parataxe (conjuntiva, disjuntiva e adversativa) marcada por conectores ou por MNM;
- III. Tipo de hipotaxe - classificação do tipo de hipotaxe (causal, comparativa, condicional, explicativa, final e temporal) por conectores ou por MNM;
4. Tipo de encaixada - classificação do tipo de encaixada (cláusulas relativas restritivas, substantivas ou objetivas) marcadas por conectores ou por MNM.

Apenas unidades de sentenças paratáticas complexas (parataxe, marcadas por conectores e/ou MNM) foram consideradas no escopo da análise apresentada aqui. Um vocabulário controlado foi estabelecido na camada de parataxe da seguinte forma:

- I. Marcador conjuntivo manual: conectores manuais que marcam a parataxe, por exemplo, MAS, TAMBÉM, PALM-UP, boia, É.
- II. Marcador conjuntivo não manual: MNM como: piscadas, pausas, expressões faciais, movimento contrastante do tronco, movimento contrastante da cabeça, mudança de função.
- III. Marcador disjuntivo manual: pausas indicadas pelo conector disjuntivo (dissociativo) como OU, alternando os dedos indicadores para cima e apontando (IX).
- IV. Marcador disjuntivo não manual: pausas de MNM indicadas com NMMS disjuntivos (dissociativos), como oposições de tronco e/ou cabeça, expressões faciais de oposição.
- V. Marcador adversativo manual: marcadores manuais indicando contraste, por exemplo, variações de BUT (BUT1, BUT2, PALM-UP);
- VI. Marcador adversativo não manual: MNM indicando pausas, oposições de tronco e/ou cabeça, expressões faciais contrastantes.
- VII. Combinação paratática: mais de um tipo de parataxe na mesma unidade.

3. Análise e discussão de dados

A análise qualitativa descritiva dos dados foi feita nas 291 unidades oracionais que apresentam parataxe. Encontramos/identificamos estruturas paratáticas conjuntivas, disjuntivas e adversativas com manuais (conectores) e NMMs (justaposição). Aqui serão apresentados apenas alguns exemplos.

3.1.1 Conjuntivos com marcadores manuais

A marca manual (conector) mais comumente encontrado é o sinal glosado como TAMBÉM em português. A Figura 1 mostra algumas ocorrências do sinal TAMBÉM por diferentes sinalizantes.

Figura 1: TAMBÉM (Marisa, Ana Regina, Priscila)

Figura 1: TAMBÉM (Marisa, Ana Regina, Priscilla)



Sintaticamente, observamos a combinação de uma ou mais cláusulas que normalmente são correlacionadas e podem ser consideradas separadamente. No entanto, nem sempre é possível trocar a ordenação, dependendo das condições semânticas. Do ponto de vista semântico, o sinal TAMBÉM indica uma função aditiva que pode ser traduzida para o português como “além disso” e “também”, como no Exemplo (1). No entanto, também pode indicar equivalência ou semelhança que pode ser traduzida como “da mesma forma” e “assim como”. Vejamos:

Figura 2: Parataxe conjuntiva manual com TAMBÉM (Marisa)



(1)

ALSO ANOTHER FAMILY HEARING FATHER ALSO 3SEE1 NORMAL BECAUSE
ALREADY USED TO GENERATION FATHER UNCLE GENERATION

Also in my other family, my father's, who is hearing, I was also seen as normal, because they were already used to a generation of deaf people.

Também na minha outra família, a do meu pai, que é ouvinte, eu também era vista como normal, porque eles já estavam acostumados com uma geração de surdos.

3.1.2 Adversativas com marcadores manuais

Rodrigues (2019) identificou as conjunções adversativas MAS1, MAS2 e MAS3 em Libras, ou seja, três formas variantes de MAS. Esses marcadores expressam uma relação semântica de oposição ou restrição a algo dito na frase anterior. Rodrigues (2019) afirma que a oposição pode apresentar diferentes graus, que vão desde um contraponto, uma contra-expectativa, um comentário que informa uma retificação, um posicionamento diferente, até uma oposição de fato que pode envolver uma negação.

Os marcadores identificados em nosso corpus como MAS1, MAS2 (uma mão e duas mãos), mas não MAS3. Também identificamos PALMA-PARA-CIMA e MAS NÃO É. Vejamos um caso de MAS1.

Figura 3: Parataxe adversativa MAS1 (Priscilla)



(2)

IX(1) SUFFER ALREADY PROCESS BUT1 IX(1) 1ACQUIREa STRENGTH IX(1)
STRONG

I suffered a lot, but it made me powerful and strong.

Sofri muito, mas isso me tornou poderosa e forte.

No exemplo (2), a segunda frase apresenta uma oposição à primeira que informa sobre o sofrimento de Priscila: IX(1) SOFRER JÁ PROCESSO. A oposição, introduzida pelo sinal MAS1, é dada como contrapartida ao sofrimento, informando que ela se tornou poderosa e forte: MAS1 IX(1) 1ADQUIRIR FORÇA IX(1) FORÇA.

3.1.3 Disjuntivos com marcadores manuais

A parataxe disjuntiva manual apresenta apenas um sinal manual no corpus analisado. O sinal OU foi formado a partir da grafia da palavra portuguesa 'ou' que é um item lexical disjuntivo usado em português. Todos os participantes que produziram frases disjuntivas marcadas manualmente, com o conectivo OU, juntamente com a articulação da boca 'O', conforme ilustrado no exemplo (3) (ver Figura 4).

Figura 4: Parataxe disjuntiva OU (Marisa)



(3)

IS APAE-c IX(c) OR OTHER SCHOOL
It was APAE or (hearing) school.
Era a APAE ou [era] escola [de ouvinte].

No exemplo (3), a relação semântica de disjunção indica que apenas uma das opções estava disponível, ou estudar na APAE ou na escola de ouvinte. O participante estava explicando que não havia outras opções disponíveis além dessas duas e que uma delas tinha que ser escolhida.

Embora muitas unidades oracionais complexas ocorram com marcadores manuais realizados, outras aparecem na língua sem a presença de um item lexical com valor conjuncional. Nos dados analisados aqui, encontramos alta produtividade de orações paratáticas sem marcadores conjuntivos manuais. A análise indica que o uso de MNM é muito representativo, e muitas vezes preferido pelos sinalizantes. Vejamos.

Encontramos justaposição com um leve aceno pontual da cabeça para indicar o final de uma oração, como no Exemplo (4) (veja a Figura 5).

Figura 5: Parataxe marcada por aceno pontual da cabeça (Marisa)



(4)
MY NAME (marisa lima) [A1] MY SIGN (marisa)+
My name is Marisa Lima and this is my sign name.
Meu nome é Marisa Lima e esse é meu sinal.

Alternar a direção do olhar entre o evento e o interlocutor é um mecanismo recorrente que configura orações coordenadas, conforme ilustrado no Exemplo (5) (ver Figura 6):

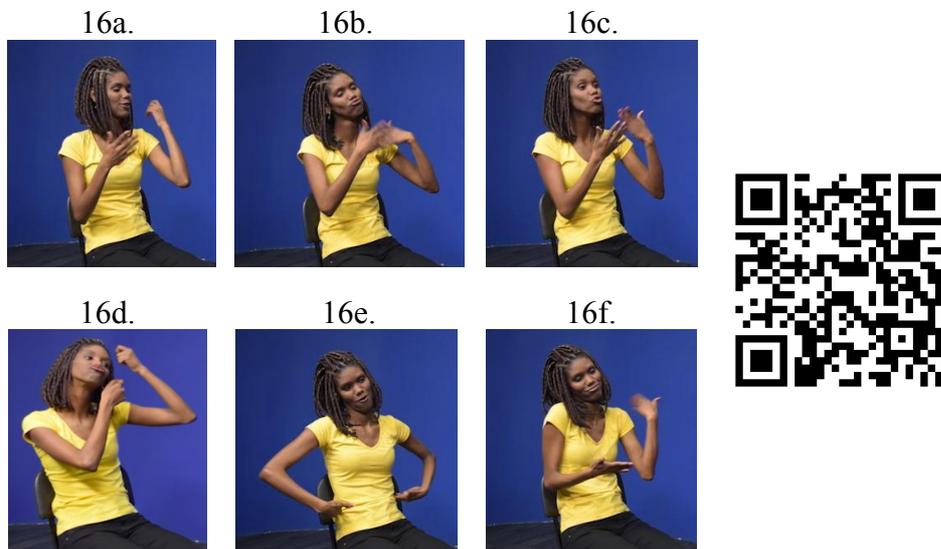
Figura 6: Parataxe marcada pela alternância da direção do olhar (Rimar)



(5)
[gaze left] MOTHER HOLD-BABY [gaze ahead] MOTHER CLAP-HANDS
My mother would settle me down and clap her hands to see my reaction.
Minha mãe me acalmava e batia palmas para ver minha reação.

O exemplo (6) (veja a Figura 7) marca a alternância do movimento da cabeça de um lado para outro.

Figura 7: Parataxe marcada pela alternância do movimento da cabeça (Priscilla)



(6)

PROCESS BEGINS IX(1) DV(braided-hair) DV(hair-long) IX(1) WANT DV(size-long) TO-DATE

Time went by, then I started, I had my hair long, braided, I really wanted to have long hair and it has been like this until today.

O tempo foi passando, aí eu comecei, eu tinha o cabelo comprido, trançado, queria muito ter cabelo comprido e está assim até hoje.

Encontramos os seguintes MNM: elevação da sobrancelha, sobrancelhas franzidas, movimento da cabeça. A primeira MNM, apresentada no exemplo (8) (ver Figura 8), envolve a elevação da sobrancelha para marcar a quebra prosódica entre as orações. Conforme ilustrado pelo exemplo (8), a elevação da sobrancelha geralmente também está associada ao movimento da cabeça.

Figure 8: Parataxe adversativa com arqueamento da sobrancelha (Sandro)



(7)

DV(write-board) IX(1) COPY-IT+ [MEAN READ]adversative IX(1) UNDERSTAND NOT
I copied what was written on the board, but I didn't understand the meaning of what I was reading.

Copiei o que estava escrito no quadro, mas não entendi o significado do que estava lendo.

Como se pode observar, muitas são as possibilidades de se coordenar orações em Libras. A riqueza de que a língua dispõe em termos de recursos morfosintáticos, semânticos e prosódicos para estruturar suas sentenças será objeto de outras publicações, haja vista a necessidade de se trazer outras evidências desse fenômeno linguístico em Libras, a coordenação.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi descrever as estruturas da parataxe em Libras. Primeiramente, o estudo constata que usar MNM para marcar estruturas coordenadas é a principal estratégia de organização sintática de orações paratáticas em Libras. Outras estratégias conjuntivas

encontradas no corpus analisado incluem: conjuntivas manuais, com marcadores como TAMBÉM; uso de boais com indicação de uma sequência de frases; uso dos sinais É e PALMA-PARA-CIMA. Em segundo lugar, as cláusulas paratáticas adversativas geralmente são marcadas manualmente com o marcador MAS e suas variantes; no entanto, algumas construções adversativas podem aparecer com MNM. Terceiro, as estruturas disjuntivas geralmente são marcadas manualmente, com a marca OU como padrão. Pode haver outras estratégias, como a elevação dos dedos indicadores em espaço neutro, com movimentos alternados para cima e para baixo indicando a disjunção. Foram encontradas apenas duas ocorrências de marcação de disjuntivos com MNM. Por fim, nossa análise revelou casos em que há combinação de parataxe, ou seja, mais de um tipo de parataxe é utilizado na mesma oração.

Estruturas com marcadores manuais e MNM foram encontradas em todos os tipos de parataxe analisados, o que equipara-se com os achados de pesquisas em outras línguas de sinais (por exemplo, Davidson 2013; Tang & Lau 2012). É importante observar que a superposição de marcadores manuais e MNM no processo de marcação é particularmente possível devido à modalidade linguística das línguas de sinais. Ou seja, quando há um marcador manual, os marcadores MNM também atuam na expressão linguística e, às vezes, apenas os marcadores MNM são suficientes para a expressão sintático-semântica. Além disso, concordamos com Davidson (2013), para quem a combinação desses marcadores, geralmente tronco, cabeça e/ou olhos, é sempre acionada em sincronia nos casos em que existem apenas MNM.

Como observam Tang e Lau (2012), o processo de segmentação de sentenças ainda é caro ao linguista que descreve as línguas de sinais. Isso fica mais evidente quando nos deparamos com dados do uso real da língua, extraídos de *corpora* de língua de sinais nos quais toda a riqueza expressiva da língua se revela. Assim, os sinais, mais o uso de classificadores, o uso de expressões MNM, a direção do olhar e o uso do espaço, juntos, constituem uma rica e complexa estrutura fonológica, morfossintática e semântica das línguas de sinais. Além de traços mais segmentais, pistas prosódicas como pausas e ritmo são de extrema importância na determinação de certas unidades sintáticas em Libras. Assim, pode-se afirmar com segurança que as pistas prosódicas e semânticas às vezes se sobrepõem às marcas morfossintáticas.

Embora a escrita não seja uma representação de uma língua, as línguas orais se beneficiam dessa tecnologia (escrita) no momento da segmentação, utilizando-a como referência para

registros, e para representar unidades sintáticas ou outras. Isso não ocorre com as línguas de sinais, para as quais ainda não existe um sistema de escrita padronizado. Definir onde começa e termina uma unidade sintática em línguas como a Libras ainda é um desafio para os linguistas, o que, de certa forma, reforça a necessidade de mais estudos que descrevam essa língua em todos os níveis de análise.

Os achados apresentados nesta pesquisa sobre a parataxe em Libras certamente não se esgotaram no trabalho que realizamos. Investigações posteriores, principalmente envolvendo a interface sintática/prosódia, terão grande impacto na descrição desse fenômeno linguístico em Libras.

Referências

BRASIL. 2010. *Decreto 7.387*, de 09 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Brasília. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm

CECCHETTO, Carlo, GERACI, Carlo. & ZUCCHI, S. Another way to mark syntactic dependencies: The case for right-peripheral specifiers in sign languages. *Language*. 2009, 85(2): 278-320.

DAVIDSON, Kathryn. ‘And’ or ‘or’: General use coordination in ASL. *Semantics & Pragmatics*. 2013, 6((4): 1–44.

HASPELMATH, Martin. Coordination. In *Language Typology and Syntactic Description, Volume II: Complex constructions*. 2nd edition, T?. Shopen (ed.), 1-51. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HERRMANN, Annika. The interaction of eye blinks and other prosodic cues in German Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, 2010, 13(1): 3-39.

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, Elizabeth. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Brazil). *Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília-DF, 2016a. <http://portal.iphan.gov.br/indl/pagina/detalhes/1243>

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Brazil). *Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília-DF, 2016b. <http://portal.iphan.gov.br/indl/pagina/detalhes/1243>

KENEDY, Eduardo. & OTHERO, Gabriel. A. *Para Conhecer – Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

LEITE, Tarcísio de A.; & QUADROS, Ronice M. Línguas de sinais do Brasil: Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In *Estudos da Língua de Sinais Volume II*, 15-27. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

LIDDELL, Scott K. *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MEIR, Irit & SANDLER, Wendy. *A Language in Space: The Story of Israeli Sign Language*. New York : Lawrence Erlbaum Associates, 2008.

PFAU, Roland & QUER, Josep. Nonmanuals: Their grammatical and prosodic roles. In *Sign Languages: A Cambridge Language Survey*, Diane Brentari (ed.), 381-402. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

PIZZIO, Aline L. A Variabilidade da Ordem das Palavras na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira: Construções com Tópico e Foco. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

QUADROS, Ronice M. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado, PUCRS, 1999.

QUADROS, Ronice M. de & KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M. Documentação da Libras. In *Seminário Ibero-Americano de Diversidade Linguística, 2014, Foz do Iguaçu*, Vol 1, editors, 157-174. Brasília: IPHAN - Ministério da Cultura, 2016.

QUADROS, Ronice M. *Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROCHA, Amanda. Uma Investigação Sobre o Uso de Recursividade na Libras. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

RODRIGUES, Angélica. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: Uma abordagem semântico-funcional. *Sensos-e*, 2019, VI(1): 90-103.

ROYER, Miriam. Análise da Ordem das Palavras nas Sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SANDLER, Wendy. Prosody and syntax in sign languages. *Transactions of the Philological Society*, 2011, 108(3): 298–328.

TANG, Gladys & LAU, Prudence. Coordination and subordination. In *Sign Language: an International Handbook*, Roland Pfau, Markus Steinbach & Bencie Woll, 340-365. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012.

ZORZI, Giorgia. Coordination and Gapping in Catalan Sign Language (LSC). Tese Doutorado, Universitat Pompeu Fabra, 2018.